

«No Centenário do nascimento de ROCHA PEIXOTO a Póvoa de Varzim, em mani- festação unânime de saudade, recorda comovidamente essa figura singular do sábio Etnó- grafo e Arqueólogo Poveiro»



A GORA que nos encontramos a comemorar o centenário do nascimento de Rocha Peixoto, parece ter algum interesse recordar em que circunstâncias o eminente investigador fora chamado a ocupar o lugar de bibliotecário na Biblioteca Pública do Porto, lugar deixado devoluto pela morte do erudito dr. Eduardo Augusto Allen.

Este bacharel, formado em Direito pela Universidade de Coimbra e em Letras pela Universidade de Paris, falecera em proveta idade, dando boa conta do lugar que desempenhava.

O facto de Rocha Peixoto ter sido escolhido para o substituir mostra quanto já era o prestígio do eminente investigador para ser chamado a ocupar o lugar de um homem de tão pesada bagagem e bacharel formado.

A escolha fora proveitosa para a Biblioteca Pública portuense, pois logo que ali entrou entregou-se com o maior zelo à renovação das instalações do velho edifício de São Lázaro, que então se apresentava num estado de deplorável conservação, a ponto de chover tanto fora como dentro.

O conhecido caricaturista Sebastião Sanhudo satirizou este desmazelo oficial nas páginas do seu famoso jornal *O Sorvele*, escrevendo debaixo de um seu desenho, no qual

A entrada de ROCHA PEIXOTO na Biblioteca Pública do Porto

POR MÁRIO AREIAS

se apresentava um céu estrelado, a seguinte legenda: «O teto da Biblioteca do Porto».

Servindo-se de limitados meios pecuniários, procurou enriquecer o fundo bibliográfico da Biblioteca portuense, adquirindo as obras mais representativas do escol dos modernos livros de História, de Literatura e de outros, lavrados nos vários ramos da actividade do espírito. Com efeito, e devido à sua pertinaz insistência, deram entrada naquela casa obras raras, manuscritos e cartas geográficas, constituindo hoje um fundo deveras valioso que muito dignifica a Biblioteca Pública da cidade do Porto e bem assim o seu organizador.

O muito que fez em prol da cultura, não só nesta Biblioteca como noutros sectores, merece as homenagens dos que ainda professam um verdadeiro interesse pela cultura,

como modelação do Hmem às circunstâncias do momento.

Abrimos aqui um parêntese para retroceder umas dezenas de anos, a fim de recordar o episódio sucedido com um dos candidatos àquele lugar. O protagonista fora Camilo Castelo Branco. Este fez todos os esforços para entrar na Biblioteca portuense, no entanto, nada conseguiu, embora o grande

(Continua na 4.ª página)

A Mãe!

Venero-a!... Louvo o seu entranhado amor ao filho querido!... Curvo-me perante a enorme dedicação que lhe consagra!... Admiro todo o seu sacrifício — até ao amago do sofrimento! — pela carne da sua carne!... E todo o seu amor... a sua dedicação toda... o sacrifício total do seu ser é generoso... é incondicional — e, então, é sublime!

São assim as mães: — «Filho: para dar-te a vida tive que enfrentar a Morte; para criar-te tive que lutar com ela! A Morte despertou-me a tua posse!... Todas as mães têm que travar um grande combate com a Morte para poderem conservar os seus filhos!... A Morte, que não tem filhos, quer os nossos.

— Geraldo, quando estavas nu, vesti-te; quando tinhas fome, dei-te de comer!... Dia e noite, todo aquele inverno, debrucei-me sobre o teu berço!... Nenhuma ocupação é baixa... nenhum cuidado é inferior, quando a nossa dedicação tem por alvo o nosso filho!... E como eu te amava!... Nem Ana quis mais a Samuel!...

E tu precisavas do meu amor porque eras débil — e só o meu amor pôde conservar-te a vida! Só o amor nos faz viver!...

...E os rapazes são, por vezes, desculpados... e, sem pensar, cau-

José dos Reis

(Continua na 2.ª página)

ROCHA PEIXOTO e a nossa gente do mar

Entre os nomes de Oliveira Martins, Alberto Pimentel e Visconde de Moser, é digno de figurar o de Rocha Peixoto, na defesa, compreensão e solução dos pedidos aflitivos e das representações indeferidas da nossa humilde classe piscatória.

Rocha Peixoto num viril e convincente artigo publicado em «O Primeiro de Janeiro» de 28 de Abril de 1894, verbera o iníquo procedimento do Estado para com a desesperante situação da comunidade marítima da Póvoa de Varzim, frígida por absurdos e incoerentes impostos, além de sofrer com a falta de peixe provocada pela pesca a vapor.

É esta faceta de Rocha Peixoto que queremos frisar com a parcial transcrição do seu importante artigo.

MISÉRIA POVEIRA

«Mais uma vez, que não será a última, nos chegam da Póvoa notícias da lancinante miséria em que se vê a colónia dos seus cinco mil pescadores, afóra as tres mil pessoas ainda que, da pescaria, obtêm todos os recursos da vida. Intervém, na angustiada situação d'aquella gente, a agitação do mar, por

uma banda e da outra, ao que dizem, a ausencia progressiva de peixe cuja realidade fundamentam os marítimos nas deprações causadas pela pesca a vapor.

A bravura da agua investe-a, d'ordinario, o poveiro com a audacia imprudente que se explica pelo seu estado social quasi barbaro, junta, de resto, aquella pericia e pratica, as maiores em toda a costa, desde S. Vicente até Caminha, de que já nos fallava Lacerda Lobo, em fins do seculo passado. Simplesmente, toda a sua temeridade é muitas vezes frustrada perante o desabrigo que lhe offerece a enseada no desembarque, e não raro, como todos sabemos, o mar bravo dá com elle no fundo, mercê da impotencia do insignificante quebramar em face do impeto violento da vaga nas occasiões de borrasca. Esta historia da doca da Póvoa de Varzim, ha cem annos - começada por D. Francisco de Almada, mas ainda hoje no estado que os acontecimentos sabidos fazem presumir,

Rocha Peixoto

(Continua na 3.ª página)

Rocha Peixoto, glória poveira

Em 18 de Maio de 1866, nascia na casa ainda hoje existente, na antiga rua da Silveira, actualmente ostentando o topónimo de Rocha Peixoto, aquele que viria a ser um prestimoso cidadão poveiro, egrégio cientista, polígrafo, homem de ciência, etnógrafo, arqueólogo, naturalista e publicista eminente.

Ocorre assim, neste exacto momento, o 1.º centenário do nascimento daquele que foi em vida António Augusto da Rocha Peixoto.

As gerações actuais, eivadas do irrequietismo da trepidante vida dos nossos dias e locadas do signo da velocidade, que condiciona tudo ao actual, ao presente, que é mister viver e sentir, não podem fazer ideia do que representaram no mundo do seu tempo essa pléiade heróica e sonhadora de intellectuais do último quartel do século XIX, que teve por cenáculo a urbe portuense.

Era o grupo da «Sociedade Carlos Ribeiro», e a que se seguiu depois naturalmente o sínédrio intelectual e cultural da «Portugália», uma geração de valores que deixaram à nação uma obra vasta, de fecundo conteúdo, e que perdurará imorredoiamente para todo o sempre. Nomes hoje famosos constituíram este «escol de gente moça» no ano de 1887: — eram Basílio Teles; Oliveira Alvarenga, António Nobre e seu irmão Augusto, António Arroio, Fonseca Cardoso, Vasco Ortigão de Sampaio, Rocha Peixoto, Ricardo Severo, João Barreira, Morais Rocha, etc., para citarmos só os principais. Todos já hoje desaparecidos, alguns precocemente, como Rocha Peixoto, deixaram uma obra que para sempre perdurará no espaço e no tempo.

A análise da personalidade intelectual de António Augusto da Rocha Peixoto tem de ser analisada à luz deste surto de portugalidade sincera e de autenticidade legitima, que caracterizaram o substractum ideológico daquele grupo inconformista de jovens intellectuais, sedentos de um novo rumo cultural, de reacções ao imobilismo da crise nacional do seu tempo, que se perdia num rotativismo acaciano de Horácios e Coreácios.

Integrado pois nesse sopro de vitalidade intelectual, cedo começou Rocha Peixoto a carrear materiais para uma obra valiosa, que o tempo viria a mostrar afigurar-se de notável dimensão. Não vamos fazer a sua biografia nem enumerar, ainda que singelamente e por ordem cronológica, o seu vasto «curriculum-vite», de trabalhos publicados. Tudo se encontra dito e escrito, com invulgar autoridade, singular devoção e paciência, num trabalho de investigação histórica, que honra o seu aulor, prestimoso intellectual poveiro.

A nossa missão e o nosso singelo desideratum consistem em vir nesta hora suprema evocar nas colunas do nosso jornal, tão cioso desta pequena pátria poveira e tão devotado dos seus valores patrimoniais e humanos, essa figura gentil e heróica de Rocha Peixoto, uma das glórias da nossa terra, pela sua dimensão intellectual, pelo seu perfil de cientista probo, de naturalista sabedor, de etnógrafo, de arqueológico, de critico de arte, de sábio professor, de consciante publicista, de bibliotecário insigne.

L. Rainha

(Continua na 3.ª página)

Presidente da Câmara

A fim de tratar de assuntos de interesse para a nossa Terra, deslocou-se esta semana a Lisboa o Sr. Presidente da Câmara Municipal Dr. João Martins Lopes Amorim, que foi acompanhado pelo Sr. vereador do pelouro da Cultura Rev. Padre Manuel José da Costa Amorim.

Foram recebidos por Sua Excellência o Chefe do Estado e também pelos Srs. Ministros do Interior, do Ultramar e da Economia, com quem trocaram impressões sobre diversos assuntos de importância para a Póvoa.

Ano XXXII — 2.ª fase (Arreçado)

Póvoa de Varzim, 21 de Maio de 1966

N.º 728

ALA ARRIBA

Órgão e Propriedade da União Nacional
POR DEUS, PELA PÁTRIA E PELA PÓVOA

Director e Editor: Luis Filipe de Almeida Rainha

Redacção e Administração: Rua Cidade do Porto, 18
Com. e Imp.—EDITORIA POVEIRA—Telef. 62257

Solenes Actos Comemorativos

(Continuação da 4.ª página)

uma brilhante sessão solene, comemorativa de tão transcendente efeméride. Ambiente selecto e distinto. Todos os valores sociais da Póvoa estavam presentes. Muitas Senhoras, personalidades em evidência no meio intelectual do país, entre elas o Prof. Doutor Luis de Lima, o Ex.mo Sr. Dr. António Pedro Pinto de Mesquita, o Ex.mo Sr. Dr. José Ramos, Presidente do Município Vilacondense, membros da família Rocha Peixoto, ilustres portuenses, e homens de letras.

O Conferente Ex.mo Sr. Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, investigador do Centro de Estudos de Antropologia Cultural da Junta de Investigações do Ultramar, não era um desconhecido da nossa terra. Portuense ilustre, filho do saudoso médico-especialista Dr. Vasco Nogueira de Oliveira, conhece sobejamente a Póvoa, e o seu termo, que calcurreou, de lés-a-lés, no decurso dos seus estudos sobre as habitações do nosso País.

Em representação do governador Civil do Distrito, ausente por razões de força maior, presidiu o Ex.mo Sr. Dr. João Lopes Amorim, Presidente do Município, o qual tinha à sua direita o Ex.mo Sr. Dr. Jorge de Vasconcelos, meretíssimo Juiz da Comarca, Major António Guerreiro, Comandante Militar, e Dr. Arriscado Amorim, em representação da Comissão Concelhia da União Nacional, e à esquerda o Ex.mo Sr. Monsenhor Pires Quesado, Arcipreste, Coronel Rocha Peixoto, e Comandante Martinho Reis Madeira, Capitão do Porto.

Aberta a sessão fêz a apresentação do conferente, o Rev.º Padre Manuel da Costa Amorim, vereador do plouro cultural.

Num discurso brilhante, historiou os acontecimentos que determinaram a iniciativa da comemoração do centenário do egrégio poveiro Rocha Peixoto, devida à sugestão do Ex.mo Sr. Dr. Flávio Gonçalves, poveiro ilustrado, director do Boletim Cultural e professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto. E sua por inteiro, a acção inicial, e sua também a publicação da mais valiosa obra cultural sobre Rocha Peixoto, iniciada nas colunas de «O Comércio do Porto» e depois publicada em separata, editada pelo município poveiro.

Fêz a seguir a resenha intelectual do grande etnólogo Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, a quem agradeceu a honra da anuência ao convite feito, para vir falar à Póvoa, neste dia solene, sobre Rocha Peixoto, com a autoridade do seu invulgar

talento de distinto investigador.

Dada a palavra ao conferencista da noite, desenvolveu este um profundo trabalho de erudição. Traçou os horizontes, à luz dos conhecimentos actuais da etnologia, ciência mais vasta e diferenciada da etnografia, definindo-a como a análise específica dos elementos culturais, em ordem a uma visão comparativa e genérica do homem, como ser social e cultural. Analisou o desenvolvimento desta ciência na 2.ª metade do Século XIX, a par com o da paleontologia humana e o de antropologia, que era o conhecimento geral do homem. Traçou depois os contornos e dimensões da etnologia, e da etnografia, no tempo em que Rocha Peixoto as cultivou, e que conscienciosamente se qualificou sempre e sômente de etnógrafo.

Aludiu, com numerosas citações e judiciosas palavras, à obra do grande etnólogo Adolfo Coelho, contemporâneo e amigo de Rocha Peixoto, e à de J. Leite de Vasconcelos, e termina acentuando o portu-guesismo, indefectível, e o acendrado patriotismo, daquela pleiade de

jovens da sociedade Carlos Ribeiro, nas suas reuniões do Moinho de Vento, portuense, no desejo de construir um Portugal intelectualmente melhor e mais consciente.

Rocha Peixoto e os seus pares da *Portugalia*, foram todos vítimas do indiferentismo, daquela final do Século XIX, e começo do Século XX, em que se processava a vida Portuguesa, dividida por mil pequenas querelas, e por falta de visão do autêntico rumo da vida nacional.

Justiça se fez mais tarde ao valor dessa geração, e à verdadeira dimensão de António Augusto da Rocha Peixoto, presentemente desaparecido do convívio da sua terra natal e do meio portuense, que intelectualmente o criou e desenvolveu.

No final de tão notabilíssimo trabalho, a numerosa assistência tributou ao Ex.mo Sr. Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, uma prolongada e afectuosa ovação.

A brilhante sessão terminou, com algumas sentidas palavras de agradecimento, pronunciadas pelo ilustre presidente da edilidade poveira.

Miséria Poveira

(Continuação da primeira página)

encerra uma das características mais assignaláveis da torpeza administrativa nacional. E por isso mesmo, mais uma vez, pela millesima vez, é interessante reeditar os factos que a comprovam.»

«Ora 5:000 pescadores, trabalhando em 700 embarcações, dando ao estado o imposto apontado e contribuindo para a alimentação publica com a somma dos productos comestiveis que corresponde a tão avultada verba, constituem, sem objecção alguma, um centro de actividade dos mais importantes do paiz. Agora: como é que o estado retribue, em serviços, aquelles que recebe? E ainda n'um *Relatorio*, o do inquerito industrial de 81, que se pode ver reproduzida, em toda a verdade, a historia d'essa retribuição: «O producto da pesca e cercado antes da divisão pelo fisco, na decima sexta parte: imposto de uma voracidade unica entre nós, e tanto mais abusivo quanto a população vive n'um estado primitivo e isolado, em que, pode dizer-se, nada pede e nada recebe do estado. A sua estrada é o mar, não carece de quem lhe abra caminhos. Não conhece a necessidade de ler, dispensando pois as escolas. Não se occupa da politica, embora periodicamente a façam voitar, nem tem opiniões radicaes ou retrogadas: por isso dispensa a policia que contem as

desordens. Por leis só conhece os seus usos, por patria só conhece o bocado de praia onde vive desde seculos. Uma unica coisa necessita e pede ha muito tempo: a conclusão d'um abrigo, que a natureza concluiu a meio, para que de inverno sejam menores as catastrofes ao demandar o porto aberto aos temporaes do mar. Nem isso lhe têm feito.»

«O que importa saber no momento e que, não podendo exercer o seu mister, o pescador poveiro decide-se a emigrar para o Brazil ou delibera fixar-se em varios portos da Galliza. Pela importância d'aquelle trabalhador se avalia esta calamidade, inesperada em gente, ha seculos, ali fixa, e ao mesmo tempo, a latitude da desgraça que a punge. Nem a caridade desperitada agora lhe pode acudir por muito tempo, nem a homens validos é regular que, de quando em quando, o paiz surja com a esmola. O paiz deve-lhes: primeiro, o pequeno porto de abrigo, segundo, o estudo e resolução do problema d'agora; ora o paiz até hoje só tem matado milhares d'elles e roubado a todos.»

Rocha Peixoto

Rocha Peixoto e José Leite de Vasconcelos

(Continuação da 4.ª página)

uma vez salta à liça, num quebrar de lanças pela sua terra, demonstrando a ausência deste insólito costume, e destruindo com depoimentos das principais personalidades da Póvoa, as asserções de José Leite de Vasconcelos.

Não pretendo com este artigo desenvolver um paralelo entre a vida e a obra dos impares cabouqueiros da *Etnografia Portuguesa*, mas sim, contribuir para um conhecimento de certo modo superficial, das relações entre o notável introdutor da *ergologia* em Portugal e o arraigadamente estudioso autor das *Religiões da Lusitânia*.

Para além das mesquinhas questões e das grosseiras rivalidades, restam — vivos e necessários — os homens, como toda a sua simbologia de palavras, apelos e exemplos.

O génio supera e avassala a mediocridade das inimizadas, das polémicas e das sátiras.

José Leite de Vasconcelos, deixou na vastidão da sua obra, as peugadas firmes e decididas de um lutador.

Rocha Peixoto, legou-nos ainda que incompleta, uma obra, uma vida e um caminho a seguir.

Ambos lutaram por um Portugal maior, gregário e independente. E, ambos continuam.

José Ferreira Lopes

Rocha Peixoto, glória poveira

(Continuação da primeira página)

Queimou uma vida a acumular materiais, com a meticulosidade e probidade de um sábio investigador, a estudar fontes históricas, a carrear mil e cem elementos que seriam os alicerces de uma obra, cujos contornos vastos mal chegou a esboçar, quando a morte sinistra, precocemente o roubou, ao convívio dos homens do seu tempo, da pátria que tão ansiosamente esperava o produto do seu labor e da terra natal que ele adorava, e de que seria o guia intelectual, deixando um vazio que jamais se conseguiu calmar.

Foi numa tarde sinistra do dia 2 de Maio de 1909 — passaram há dias 57 anos — que então recolhido numa solitária mansão da velha sede do antigo concelho de Bouças, suburbana à grande cidade portuense, que Rocha Peixoto veio no desespero dos seus familiares, e na mágoa dos seus conterrâneos e admiradores, impotentes para vencerem uma bacilose fulgurante que as carências terapêuticas de então jamais poderiam combater, a fechar os olhos deste mundo para sempre, e entregar-se a Deus. Tinha então 43 anos incompletos, no vigor da sua inteligência e do seu poder criador, esta inditosa personalidade, que trabalhando incansavelmente duas décadas na parte mais árdua dos seus trabalhos, jamais pudera deixar concluída a vasta obra que se propunha erguer.

E nós poveiros, a quem Rocha Peixoto tudo deu e nada pediu, desde a glória de possuímos para todo o sempre, o espólio das suas cinzas, em mausoléu que nos saiu do coração, até aos seus preciosos e valiosos livros, que constituem hoje o pilar da nossa Biblioteca Municipal, ergamos uma prece a Deus, pela alma deste poveiro egrégio, homem de saber, alma de eleição, figura alicante de intelectual, cavaleiro andante da etnografia e arqueólogo de mérito, cujo centenário agora ocorre na vertigem do tempo, e procurémos no presente e no futuro, honrar a sua memória e seguir o seu exemplo.

L. Rainha

carteira

Dr. Alfredo Ceiroz da C. Maio Graça

Da província da Guiné, onde se encontra em missão de soberania, chegou há dias à Póvoa, onde vem passar alguns dias de licença, o nosso conterrâneo e distinto oficial-médico, Sr. Dr. Alfredo Ceiroz da Cunha Maio Graça.

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, a menina Desidéria Dourado Pinto, filha do sr. Américo Alves Pinto, sargento aposentado da Aeronáutica, e o nosso prezado conterrâneo sr. Agostinho Fernandes Cadilhe, chefe da Secretaria da Câmara de Vila do Conde.

— No dia 23, a sr.ª D. Ana Correia de Carvalho.

— No dia 24, os srs. Dr. José Castilho de Abreu e Dr. Vítor Manuel Leite da Mota.

— No dia 25, o sr. Dr. Juiz Alberto Senra Malgueiro e o menino José Moisés, filho do nosso assinante Moisés Eusébio.

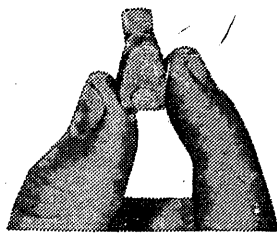
— No dia 26, as sr.ªs D. Alexan-

VENDE-SE TERRENO

Para construção de uma casa, perto do Liceu.

Trata — Rua José Malgueira, 20.

SURDOS da Póvoa de Varzim



A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na próxima 2.ª Feira dia 23, das 17 às 19 horas na

FARMÁCIA RAINHA

aonde lhes apresentará a mais completa e mais perfeita gama de aparelhagem auditiva, para adaptação a cada caso individual:

Modelos de usar atrás da orelha — Modelos de fio — Óculos auditivos e o sensacional modelo MIRACLE VI, todo usado dentro do ouvido sem fios nem tubos.

Experiências Grátis — Trocas e Facilidades na FARMÁCIA RAINHA 2.ª Feira dia 23, das 17 às 19 horas.

CASA SONOTONE

Praça da Batalha, 92 - 1.º — Telef. 35602 — PORTO

HOMENAGEM A ROCHA PEIXOTO

(Continuação da 4.ª página)

no destino de uma Patria agonizante; entre um mito sebastianico e o cerraceiro de um pessimismo dissolvente, vivificou-lhe o coração, onde coalhavam frias de desconforto, as gemmas preciosas das tradições esquecidas.

Pola grei! Pola grei! foi o seu grito de guerra durante largos annos de lucta. E antes que as sombras da morte apagassem, no seu fundo olhar, a luz radiosa da vida, já Rocha Peixoto havia conseguido o renascimento da verdadeira alma popular «que sendo uma renascença dentro da propria nacionalidade; foi tambem a renascença de um velho povo.

A sua acção extensiva revellou-se, como em nenhum outro trabalho, na *Portugalia*; mas se este repositório de excellentes monografias abriu horizontes cada vez mais distanciados da historia da evolução do povo portuquez, derivando do dom específico que fez de Rocha Peixoto um homem superior, houve na sua alma um faceta de luz suave e doce, a adoravel ternura com que este amou esta Povoá, seu berço natal.»

VENDE-SE

Terreno com 28 metros de frente, na rua Serpa Pinto. Informa rua Gomes de Amorim, 19.

FALECIMENTOS

Prof. Alexandrino Fernandes da Silva

Na sua residência em Barrimau, da freguesia de Joane (V. N. de Famalicão), faleceu na última terça-feira o nosso conterrâneo e amigo Sr. Alexandrino Fernandes da Silva, professor do ensino primário aposentado.

Era casado com a Ex.ma Sr.ª D. Alcina Freitas da Costa Araújo e Silva e era pai das Ex.mas Sr.ªs D. Maria José de Freitas Araújo e Silva, D. Maria Luísa de Freitas Araújo e Silva e D. Maria Armanda Araújo Fernandes da Silva e dos Srs. Aníbal Cândido de Freitas Araújo e Silva, Fernando de Freitas Araújo e Silva e Mário de Freitas Araújo e Silva, e irmão dos nossos prezados amigos Srs. Joaquim Fernandes da Silva e Moisés Fernandes da Silva e tio dos também nossos amigos Srs. Francisco Fernandes da Silva e Venceslau Fernandes da Silva.

O Sr. Prof. Alexandrino Silva foi o primeiro Presidente do Varzim S. Clube e era actualmente o seu sócio n.º 1.

O seu funeral realizado na manhã de quinta-feira para o Cemitério Paroquial de Joane, foi muito concorrido.

A toda a família enlutada e tambem ao Varzim Sport Clube, apresenta *Ala-Arriba* sentidos pêsames.